

# A volta no **PARAFUSO**

Fotos: Alessandra Benedetti/Bloomberg via Getty Images



PARA FULVIO CONTI, CEO DO GRUPO, UMA BOA EMPRESA NÃO TEM MEDO DO MERCADO

## GRAÇAS AOS INVESTIMENTOS NA AMÉRICA LATINA, A ITALIANA ENEL ESTÁ COLHENDO FRUTOS ONDE OUTROS ACUMULAM DECEPÇÕES: NA GERAÇÃO DE ENERGIAS RENOVÁVEIS NÃO CONVENCIONAIS

MATÍAS RODO YURICEVIC, DE SANTIAGO

**Q**uando analisamos a Enel Green Power, é difícil dizer qual é o tom de verde que move a empresa: o da sustentabilidade ou o dos dólares. A verdade é que a filial da italiana Enel, dedicada à geração elétrica a partir de fontes renováveis não convencionais (ERNC), e com forte presença na América Latina, se transformou em um dos negócios mais dinâmicos da multinacional.

"A Enel Green Power terá uma história de sucesso: uma boa empresa não tem medo do mercado", afirma Fulvio Conti, CEO do grupo Enel baseado em Roma. De fato, seu discurso convenceu os investidores, que decidiram pagar quase US\$ 4 bilhões pelos 35% das ações da Enel Green Power (EGP) oferecidos ao público nas bolsas de Milão e Madri, em novembro de 2010. Foi a maior abertura em bolsas europeias em quatro anos, e em meio à crise dos mercados europeus. Segundo os analistas e seguindo a estratégia corporativa do grupo, grande parte dos novos recursos será direcionada a projetos de energias renováveis na América Latina. "A Enel continuará crescendo com ainda mais força na região", afirma Claudia Introvigne, analista do banco de investimento italiano Leonardo, sediado em Roma.

Atualmente, a EGP tem 4.500 MW de capacidade instalada em todo o mundo, dos quais 700 MW (15%) estão na América Latina. O objetivo definido pela EGP é o de somar, para 2014, outros 4.700 MW em âmbito mundial. Desse total, apenas os projetos no Chile e no Brasil representam 20%. Uma demonstração de que, apesar do falatório do mercado, a empresa não decidiu vender os ativos latino-americanos que absorveu após adquirir a espanhola Endesa. Segundo Javier Suárez, diretor europeu de Utilities do banco de investimento milanês UniCredit, quando a Enel comprou a Endesa España, analistas apostavam que a italiana venderia a elétrica Enersis, que administra a maior parte de seus ativos na América Latina, e se concentraria no Leste Europeu, já que investiu na Rússia e na Eslovênia. Mas o italiano Conti deu uma volta no parafuso: não vendeu a Enersis (com receitas anuais em torno de US\$ 12 bilhões), dando apoio explícito à empresa e às operações da Enel destinadas ao desenvolvimento da ERNC na região.





### CENÁRIO IDEAL

Por esse motivo, Conti acompanha a região de perto. Em uma apresentação para investidores, ele assinalou que, de todas as operações da empresa, a América Latina será aquela que registrará o maior crescimento anual na demanda de energia, chegando a 4% nos próximos quatro anos.

Contudo, o interesse pela América Latina não vem apenas do crescimento na demanda. Como explica o físico nuclear e chefe da Divisão de Recursos Naturais e Energia da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), Manlio Coviello, "a região concentra grande parte do potencial de geração de energia renovável do mundo". Vale lembrar que 40% dos recursos hídricos do planeta estão em território latino-americano. Além disso, o potencial de geração de energia solar do Deserto do Atacama (Chile), do México e do Norte do Brasil está entre os mais altos do mundo, enquanto o Panamá apresenta a maior capacidade geotérmica do planeta. "A isso, soma-se o fato de haver uma mão de obra mais barata", completa Coviello.

**4%**  
**é o quanto deverá crescer a demanda de energia na AL nos próximos quatro anos**

Essa mão de obra mais barata, no entanto, não é suficiente para tornar o negócio das ERNC rentável. Apesar do potencial, na América Latina, os projetos baseados nesse tipo de geração resistem em avançar por conta da recusa dos usuários em pagar um preço maior por ela e pela falta de subsídios, o que reduz o interesse das empresas



PLANTA DE ENERGIA SOLAR, EM PRIOLO GARGALLO, NA ITÁLIA, CUJA CAPACIDADE É DE 5 MW

em investir no setor. "A energia eólica, as pequenas hidrelétricas e a biomassa estão hoje entre as ERNC mais avançadas. Mas ainda não são competitivas em relação às fontes tradicionais", afirma Gustavo Nieponice, sócio e diretor geral para os escritórios de Santiago e Buenos Aires da área Latino-americana de Energia e Mineração do The Boston Consulting Group.

No entanto, para o italiano Conti, aumentar a geração por meio de fontes renováveis na América Latina impulsiona todos os outros negócios da Enel. "Ao aumentar a geração de energia renovável na América Latina, a Enel pode cumprir as exigências de baixar as emissões de CO<sup>2</sup> de sua matriz e se concentrar mais tranquilamente em seu negócio europeu, fundamentado principalmente em termelétricas", afirma Suárez, do UniCredit.

Faz sentido. Na Europa, poucas fontes de energia renováveis não são exploradas e, por esse motivo, graças à cobertura global da Enel, reduzir as emissões de gases causadores de efeito estufa na geração elétrica na América Latina é sinônimo de bônus para seu negócio europeu.

vislumbrada em 2001, quando a Enel deu início ao seu primeiro projeto de ERNC na região (um projeto eólico na Costa Rica) que foi sendo aprofundado com o aumento de sua presença em oito países. Suas 32 usinas de ERNC em

solo latino-americano estão divididas entre México, Guatemala, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Panamá e Brasil, países em que, no total, a empresa conta com capacidade instalada de 668 MW.

No Chile, a Enel Green Power desenvolve projetos ligados à geotermia no norte do país, uma operação com potencial de 100 MW, e se prepara para levantar 850 MW em sete parques eólicos, mais que toda a sua capacidade de geração atual.

Contudo, a hidreletricidade continua sendo a principal fonte de energia desenvolvida pela empresa na região através de suas plantas. Muitas delas englobam pequenos e médios geradores, como a usina Palo Viejo, de 84 MW, que está sendo construída na Guatemala. Na Costa Rica, a italiana controla o parque eólico Tilarán, com 24 MW. No Brasil, a Enel venceu, em setembro, a licitação para construir três usinas eólicas na Bahia. A lista é ainda mais extensa. "A Enel Green Power tem 4 mil MW em seu *pipeline* na região dessa fonte energética para o longo prazo", afirma Introvigne, do banco Leonardo.

Uma estratégia que, graças a sua presença global e à possibilidade de escolher os mercados mais adequados para diferentes investimentos, está permitindo à Enel fazer com que os dois verdes da moda no mundo dos negócios coincidam. •